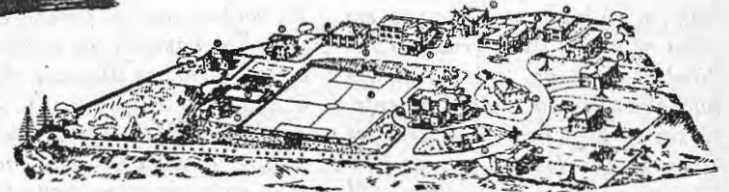




O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 373 — Preço 1\$00
28 DE JUNHO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

Uma rapsódia

Outro grande mestre era o lavadeiro do convento. Inteligente, mortificado, memória prodigiosa, o irmão fr. X era tão doente que nem comia conosco, por causa de vômitos constantes. Eramos amigos e confidentes. Eu ajudava-lhe sempre as estender as peças mais pesadas, e algumas vezes aquecia a água das barreiras. Lavava num tanque largo e cómodo, perto do jardim, mas de verão secava a água e ele então mudava para o fundo da cerca, aonde passava um fio de água fundo e muito difícil. Um dia que o vi aninhado entre as pilhas da roupa, disse-lhe assim: «Que pena tenho de si. Se me fosse permitido, lavava a roupa esta semana». Ele levanta-se, magestoso, soberbo e num ar de protesto abre-me uns olhos faiscantes de alegria dizendo: «Nunca. Não, que eu não deixava. Estes dois meses são a minha glória». Meti as mãos nas mangas, retirei-me e fiz nessa tarde uma profunda meditação. Quando há dias o Padre Matéo falava na stultitia crucis, eu vi a figura deste meu mestre, magestosa, ciumenta, cantando a glória destes dois meses de sacrifício.

* *

Mas o maior de todos os mestres, esse nem sequer era religioso; era apenas irmão donato, sem votos nem nada. Tratava das vacas e andava nuns 65 muito rijos e muito frescos. Era de Maceira, perto de Leiria. Dizia-me com

(Continuação do número anterior, muito amor: «vou-me apanhar o almocinho, vou-me apanhar o jantarzinho das vacas», e eu ia com ele ouvir, aprender o que hoje sei. Grande mestre. Num rigoroso 24 de Dezembro o meu querido irmão Dionizio vai à cela do Padre guardião pedir que o

Cont. na página DOIS



Aqui, LISBOA!

O Tio Revista recolheu ao hospital na semana passada. Trata-se de um velhinho venerando a quem muito devo pelas lições que me ditou. Estou ainda a vê-lo na antiga corte, onde o leito e cobertura se reduzem a farrapos e sacos de cimento vazios. Partia como pedinte para os lados do nascente logo no início da semana; a meio desta, a velhinha, companheira de longos anos de gemidos, saía a angariar esmolas para as bandas do poente. Passavam juntos o dia santo. Sobrevinha outra semana e programa de vida idêntico. Ele tornava e ela tornava também. Não havia variantes. Os mesmos dias e terras e gente e colheita e assim pelos meses vagarosos. Até que vieram morar em casa airosa do Património dos Pobres, aqui junto a nós, tendo ele agora recolhido, paralizado, ao hospital.

Pois, duma vez na antiga chuga, bato à porta, curvo-me e entro. Ao lume um balde a fumejar e os dois a aquecer-se. Era ao cair da tarde. Perguntei pela ceia. «— Olhe: é café com pedaços de pão que recolhemos de pessoas amigas. É a nossa refeição de hoje». Um relâmpago de contentamento aflorou naquele rosto pisado, iluminado pela clareira. Aproximei-me para certificar. Tal e qual: uma açorda em balde zincado constituía o manjar único do dia. «— Não lhe oferecemos porque isto não é para V.» — balbuciou o bom do pobre, envergonhado. Eu corei, nem sei bem porquê, se dian-

Há dias passei em Setúbal. Dali ao Outão é um caminho breve e belo. Fui ver o Edmaro, tantas vezes falado nesta coluna. Dormitava a sesta, quando chegamos, Padre Horácio mais eu. Ao ver-nos fez uma cara mimada, de alegria, passou-nos a mão pela cabeça e demorou um pedacito, afagando.

Todo o homem nasceu para amar e ser amado. Não importa que a doença diminua faculdades e deixe deformações irreparáveis. O amor é a mais universal de todas as linguagens: a primeira que se percebe; a última de que se perde a noção.

Eu fui ver o Edmaro e levava queixas de Beire, queixas de saudade da senhora e dos companheiros: «Veja se traz depressa o Edmaro...»

te de humildade, se da grandeza do ancião.

Afinal, onde a indignidade? Seremos nós, porventura, mais indignos daquele caldo do que ele dos que o mundo saboreia deliciosamente? Aquele tem-nos como indignos de tal alimento. E o mundo não o senta à mesa, porque o supõe igualmente desmerecedor. Distâncias abismais que o homem cavou!

A altura verdadeira do homem determina-se pelo seu

Cont. na página QUATRO

CALVÁRIO

Realmente ele faz ali falta! Mas é ainda por amor dele que o temos no Outão, a ver se o sol e o iodo e, porventura alguma intervenção cirúrgica, lhe endireitam algo mais, seu corpo meio franzino e torto. E assim como a sua pequenina inteligência, ajudada por amorosa paciência, lhe permitiu já o andar, esperamos que os ossos e músculos mais normalizados no exercício da vida que lhes é própria, redundem, por sua vez, sobre a sua pequenina inteligência e o restituam a uma vida de mais humanidade.

* * *

Outra notícia que já há tempo tínhamos para dar é a da morte do Senhor Vitorino e do Senhor Estefâneo, os chefes dos dois primeiros casais que estiveram para habitar em Beire.

Digo «estiveram para habitar», que de verdade quase não habitaram lá. Ambos cancerosos. Em ambos, a mesma ânsia de cura. «São só mais umas aplicações de rádio... Depois nós vamos!» E posto nós soubessemos do próprio médico a inutilidade de mais aquelas aplicações; e posto, nós e suas mulheres procurássemos o mais discretamente possível convencê-los dessa inutilidade — a ânsia de viver superou os nossos esforços e os dois teimaram em mais aquelas aplicações que retardaram a sua

entrada no Calvário e lhes não deram a saúde irremediavelmente perdida.

E nós ficamos sabendo que o Calvário, sendo terra de incuráveis, nem por isso é terra sem esperança de viver.

* * *

Além do que foi dar directamente à Casa do Gaiato de Beire, com grande gáudio da senhora e do Zéquita — e que este mesmo relata em sua crónica — aí vão notícias do que aqui chegou.

Por duas vezes 100\$ de «uma humilde portuense». O mesmo da Snr.a das Vias-Sacras de Paço de Sousa e Beire. Metade de «uma assinante doente que pede orações», e outra vez metade de S. Brás de Alportel.

Trocos de assinaturas e pagamentos. Donativos entregues no Lar e no Espelho da Moda. Uma pulseira, um anel, de «Ninguém» e bocadinhos de linho, amorosamente embalados. Vinte do assinante 26.718. Três vezes mais do 15.595. Três mil «duma assinante doente e muito infeliz» que se lembra de aliviar «a alma dos meus queridos e as dores dum doentinho do Calvário». Com tal atitude de caridade, doente sim..., mas infeliz não creio!

Cem de M. F. e de «Um pobre pecador» e das Pedras Kubras e de Albergaria-a-Velha e de uma Avó de Paço de Arcos que quer «que os meus queridos netinhos conheçam «O Gaiato» e para isso tenho todos os jornais desde o número I, que tenho mandado encadernar de 5 em 5 anos».

Esta senhora teve um revés na vida, «mas Deus Nosso Senhor já me acudiu, pois estou empregada e do primeiro ordenado envio 100\$». O' heroísmo!

Outra vez «Ninguém» com 20\$. Cincoenta de Mouramorta e de Avelal e de Cruz, da Beira.

E agora os de todos os meses, além da «Humilde Portuense» que abriu hoje o desfile:

Cem do «Amando os homens...» e de «Um amigo dos Pobres» e da «Emília» e 20\$ da assinante 6665 — tudo referente ao mês de Maio.

Cinco vezes mais da Celeste, de Lourenço Marques, a da «migalhinha». E 50\$ da Av. de Roma, e 20\$ «duma doente para doentes», mais de «uma portuense qualquer».

PRESENÇA

Festa do Coração de Jesus!

Do Coração rasgado pela lança, para que os homens, atraídos pelo caudal inexaurível de sangue e água, subam o Rio da Salvação até à Fonte e entrem n'Ele e morem lá para sempre, no Coração aberto à confiança dos homens de boa vontade.

Ali há a frescura e quietação que saciam todas as sedes do homem. O Coração do Mestre é a Pátria da Paz.

Ora se a Paz, a verdadeira, é em Cristo, e passa do Seu Coração ao coração dos homens, que deixaram também rasgar o seu por amor e para consumir o amor; e se o retorno do amor dos homens ao Seu Deus se faz pelos outros homens, seus irmãos em Cristo, amados no encontro familiar no Coração do Irmão Primogénito — a Paz é Ele quem no-lhe dá, só Ele! E só n'Ele nós a teremos, porque só Ele venceu o mundo!

Portanto, não são os homens nem as sociedades humanas que dão a Paz aos homens. Quando muito, podem preparar um ambiente de ordem em que a tranquilidade é Paz. Mas a Paz vem de Cristo; na ordem temporal, pela Sua

Cont. na página DOIS

Casas para trabalhadores

No reclamado filme Marcelino Pão e Vinho aparece-nos em certa altura a transformação radical dum lugar pouco menos que abandonado anteriormente. Abrem-se os alicerces e grandes edifícios são levantados em pouco tempo. Uma autoridade civil vem examinar e fica surpreendida perante os resultados obtidos, tão rapidamente. Um dos monges responde: — Isto é obra do esforço comum.

Fazer uma casa é hoje, em toda a parte, uma obra de vulto. As exigências multiplicaram-se. Já lá vai o tempo em que se vivia entre 4 paredes, feitas de pedra miúda, sem janelas e uma cobertura de colmo, isto é, de ramos de algumas árvores. Essas habitações não custavam nem muito trabalho, nem muito dinheiro. Os materiais eram fáceis de encontrar, pois os dava a natureza quase gratuitamente. A pedra existe por toda a parte e as árvores também.

Os tempos mudaram e hoje

qualquer casa custa umas dezenas de contos. São as portas, é o vidro, é a chaminé, são as divisões, as ferragens, as tintas, a cozinha, a dispensa, o quarto de banho, a canalização, a instalação eléctrica e também é preciso pensar, logo de início, nuns modestos móveis.

As possibilidades económicas da grande maioria dos homens, não tem acompanhado estas exigências. Resultado prático que se vê por toda a parte: A grande maioria das famílias não possui uma casa. Não é uma deficiência local. Não é um facto universal. Perante esta realidade que ninguém nega, não podemos nós ser fatalistas e vencidos.

O que não pode ser feito por um homem isolado ou por uma família, pode ser feito pelo esforço comum de alguns rapazes,

alguns homens, ou de algumas famílias. A conjugação de esforços realizará um autêntico milagre. Há tantas associações de recreio, de desporto, de cultura, de piedade, de beneficência, de política!

Porque não há-de haver associações de construtores com esta finalidade bem determinada: Construirem as próprias moradas?! Esta resignação, por sinal bem pouco cristã, que não exige uma casa própria, tem de acabar. Cada indivíduo, só por si, todos o reconhecem, não tem possibilidades de se abalar a um tal empreendimento. Resta-nos, no entanto, o caminho que exige disciplina, que supõe um mínimo de organização. Hoje são poucos mas já existem alguns. O exemplo destes poucos há-de transformar-se numa multidão. O que parecia impossível tornou-se praticável graças ao esforço comum.

Padre Fonseca

pelos trabalhadores

A atitude que mais me apeetece tomar é, de joelhos, dar graças a Deus pela revelação do amor que aos nossos olhos desponta. Não sei explicar de outro modo. Não encontro mais razões, não descubro outra força, além desta: — Amor de Deus.

A família da toca vai ter

ressurgimento material indispensável para uma ressurreição espiritual é que a multidão acreditará! Património dos Pobres! Clareiras de salvação para crentes e não crentes!

Uma cruzada pequenina nos tem empenhado. Fogueiras que ardem em vários recantos do País e nos transmitem

preocupação e o grande desejo de ver diminuído este flagelo. A Cerâmica Lusitânia 3.000 tijolos, a de Vitorino Rodrigues, Lda mil! Outras ajudas vão chegando. Intimamente vou beijando as mãos a muita gente e erguendo os olhos para o alto. Os comprometidos têm-se desobrigado e nós recebidos. É assim que respondem: Do assinante número 12.159, de E. C. de Alvalade, dum admirador de Lisboa e da Maria de Lamego 50\$. De Almada cem e do assinante 1.094, 300\$. Duma professora, pedindo duas missas, cem. Doutra 500\$. Deu quanto tinha. É Deus quem toca e compensa. De Stan mais 500\$ em cheque. Assim é mais seguro. De Naugatuch 2 dólares. Duma «grande pecadora» de Lisboa, cem e compromisso mensal. Da mesma cidade, uma Maria cem. Duma «sacrificada» pedindo «melhores dias» 20\$. De Viseu 100\$ e igual

— Cont. na 4.ª página

SETUBAL

uma casa! A sua alma vai deixar de «doer»! Os alicerces foram lançados a boa profundidade e construídos solidamente — pedra e cimento. As paredes subiram a tijolo e cimento e quando leres esta correspondência, já um telhado airoso e seguro cobre três quartos espaçosos, de janelas rasgadas para o sol, cozinha, sala e casa de banho. Um mimo! Uma felicidade que fará feliz a família condenada, agora salva pelo amor de Deus! Unida a esta, outra se levanta com o mesmo princípio e fim. Quem me dera levantar, fazer subir casas e famílias em estado tal que não aguentam uma ajuda forte para auto-construção. Tenho vivido acoburnhado pelo peso de tanta cortelha, onde aglomerados numerosos, de vários troncos, se misturam à minguada de amor que compreenda e ampare. Estas duas casas, são refresco transitório que pouco consola quem se enfronta na vastidão do problema local; são, contudo, um argumento irrefutável e a garantia mais segura da nossa fé num Deus Vivero.

O povo não acredita. Pergunta, torna a insistir e fica sempre a duvidar. É assim o Amor de Deus. Outrora foi assim: — só deram assentimento a Cristo depois da ressurreição. Hoje do mesmo modo: — só quando as famílias que ocuparem estas casas viverem o

o seu calor! Só assim poderemos incendiar.

Eu tenho pedido e continuo no meu roteiro. Ninguém disse que não e, se disser, aceite o não, como o sim, por amor de Deus, e vou para a frente!

A Secil deu cem sacos de cimento e muita coragem para começar, a Câmara de Setúbal, terreno para casas e quintal com oliveiras, planta, pedra, areia, água e outras ajudas que definem bem a sua

PRESENÇA

— Cont. da primeira página —

Igreja; e, por isso, é a Igreja, e só Ela, quem dá a Paz aos homens e às sociedades humanas, se estas, num ambiente de ordem espontânea, fraterna, procuram subir o Rio da Salvação até encontrar na Fonte «o Guia que o Senhor deu aos que erravam no caminho», o Qual «dirigirá os mansos na Justiça e ensinará aos humildes os seus caminhos».

Aí, e só aí, encontrarão «a paz para as suas almas todos os que tomaram sobre si o jugo d'Ele, que é suave, e aprenderam d'Ele, que é manso e humilde de coração». Aí, e só aí, «encontrarão alívio todos os que trabalham e andam sobrecarregados».

Não tenham, pois, os homens a presunção soberba de dar a paz aos homens e à Igreja, porque é Ela, e só Ela, quem tem a Paz para lhes dar. Antes procurem n'Elas, «o Guia que o Senhor, justo e bom, deu aos que erravam no caminho». E conformando os seus corações ao Seu Coração, manso e humilde, «serão dirigidos na Justiça e firmados no caminho da Verdade».

Então, a ordem despondará por si. E, da tranquilidade em cada coração, nascerá a Paz universal, a Paz de Cristo, que só no Coração de Cristo se encontra e realiza.

Do que nós

necessitamos

Assim começa a procissão: «De joelhos e com muita gratidão pelo que devemos à Obra da Rua, pedimos licença para juntar uma pedra, lembrança de Mulher, Marido e três filhos e antecipada presença de outro que está para vir». São 1.000\$. E continua: «prometi que o primeiro dinheiro que tivesse de aumento ao meu ordenado, pois já há sete anos que ganho o mesmo, seria para a Obra da Rua. Deus ouviu-me. Aqui estou para cumprir». 150\$ de V. N. de Gaia. O mesmo pensamento domina o casal M. F. e A. F. São 250\$ «primeiros aumentos de ordenados, depois de casados». Um sacerdote do Seminário da Guarda não conteve a chama que lhe abrazava o peito e sentiu necessidade de a comunicar. «Para o pai aflito e exemplar cristão aí vão 500\$». «O Comercio do Porto» deixou ficar no Banco Espírito Santo uma nota de cem. O «Zé Ninguém» (quem será?) vem «cheio de alegria» até junto de nós. E uma mãe aflita vem lá de Lisboa com 50\$ pelas felicidades de seu filho. «Por alma de meu pai» 170\$. «É uma migalhinha mas é por amor de Deus» — 20\$. Os que não puderam ir ao Coliseu deram sinal da sua presença e de quanto nos amam — 5 doll. Da Av. João Crisóstomo de Lisboa fizeram chegar até nós três notas de mil de uma pessoa muito nossa amiga. Chegam migalhas de toda a parte. 20 de Viseu «em acção de graças». Dez vezes mais não sei de onde, sendo metade para a viúva da «Nota da Quinzena» e uma outra metade para uma mãe alimentar o seu filho. A «Avó de Moscavide» não falta. O pessoal da Mobil Oil também não — 56\$. Vários grupos de escolas primárias deram-nos o prazer e alegria da sua visita. Não quiseram deixar-nos sem uma lembrança. Uma mãe amargurada vem reconhecida agradecer ao Senhor uma graça para o seu filho. Manda 100\$. Outros cem do Porto. E ainda outros não sei de onde. Mas a série continua. Senão vejamos: Dagorda — Oeste manda outro tanto. M. T. como testemunho da sua gratidão pelas bênçãos alcançadas do Senhor acrescenta 50\$. Uma americana muito grata envia 70\$. Da Rua do Bonfim e da Rua do Breyner mais testemunhos de carinho. Quem começa e toma o gosto não pode parar. Eis: «Faz hoje anos que comecei a mandar uns tristes escudos para a que só dá boroa ao filho quando barrega. Agora vou dobrar. Aí vão 100\$». Um Jorge manda o produto de uma aposta e fica pedindo a Deus que lhe dê mais oportunidades para não se esquecer de nós. Da Rua da Corticeira os 20\$ habituais e mais 20\$ «porque este mês tive mais trabalho».

Lembrança de um aniversário — 200\$ e um beijo para os batatinhas. Metade para um canceroso. A mesma quantia, mensalidade do costume, para a viúva dos 8 filhos.

Seis vezes cem para os Pobres do Barredo, e duzentos em cumprimento de uma promessa. No «Comboio Foguete» — 80\$ de um mealheiro trazido do Coliseu do Porto. «Os Leais da Ramada Alta» recolheram migalhas e juntaram 153\$50. A terminar: 100\$ de Almeida «de uma mãe agradecida cujo nome não interessa saber, pois Deus tudo vê e tudo recompensa». Mais 20\$ para a Senhora Ana de Jesus. Os Pobres do Barredo voltam a ser lembrados com 50\$. Outro tanto para socorrer uma velhinha necessitada de quem «desejaria ter muito para oferecer».

Padre Manuel António

Uma rapsódia

— Cont. da primeira página —

deixasse mudar para o curral das vacas. Pede, implora, insta, consegue, e hoje tem o catre armado num pequeno alpendre, ao pé das suas vacas. Ele sabe porque é que mudou para lá e nós também o sabemos. Quando no princípio deste ano andava ocupado com a nossa dissertação de dogmática, que trata precisamente do acto de fé, procurei muito, rabisquei, virei folhas e não vi nada nas páginas secas do triste livro; não vi coisa nenhuma e terminei a pesquisa com este pensamento: «coitado de quem estuda teologia pelo compêndio».

* *

E termina a rapsódia, mas antes de dar as últimas arcadas eu queria pedir um favor, um grande favor, aos que se vão embora. É que eu desejava imenso tirar o retrato de sobrepeliz para mandar à família e não tenho nenhuma em termos. Quem é capaz de me emprestar uma?

Frei Junípero

«LUME NOVO» N.º 7 (Consagrado à despedida dos alunos do 4.º ano teológico), 9 de Junho de 1928.

Chales de Ordins

Guardamos na nossa vontade grandes potencialidades. Conforme o uso da liberdade e os talentos que o Senhor nos confiou, assim modelaremos a nossa personalidade. Em parte, seremos o que quisermos. Educar é pedir o máximo trabalho de formação ao educando, em ordem à realização da sua personalidade, respeitando, tanto quanto possível, a sua liberdade. É fascinar seus olhos com a luz do ideal, atraindo-o aos caminhos do bem, da virtude. Há uma enorme dificuldade em educar certos Pobres adultos. Porque Pobres, herdaram de sucessivas gerações, em contacto permanente com a miséria, hábitos maus. Porque adultos, torna-se melindroso dar-lhes um conselho, pedir-lhes ordem, limpeza, economia, disciplina, caridade. O orgulho já fez neles sua morada. Senhores do seu destino, não prestam contas a ninguém. São de maioridade, para necessitarem de conselhos. E aos Pobres orgulhosos é-nos impossível tentar demovê-los das suas atitudes, que julgam sempre as mais luminosas e acertadas.

Conheço uma assim. Não a critico. É um produto da nossa sociedade corrompida. Sua mãe era da «Rodax» ou Hospício, o que faz supor a sua ilegitimidade. Dela nasceu mais tarde, também ilegítima, a Pobre de que me ocupo. E seguindo os exemplos da mãe e da avó, também esta teve dois ilegítimos. Uma

filha ilegítima parece dever estar mais prevenida contra as seduções do mal, que outra qualquer rapariga. Afinal acontece o contrário. Em regra, não consegue ser educada pela sua mãe solteira. Nem as leis defendem a sua fraqueza, nem, portanto, as autoridades punem o criminoso. Daí facilmente as quedas em série.

Também, no caso de que me ocupo, sucedeu uma comum consequência dos ilegítimos. A nossa Pobre mendiga. Aprendeu com a mãe. Esta mendigava, certamente com o pretexto de alimentar a filha. Depois esta, para socorrer a mãe doente. E após a sua morte, a filha continuou, porque não tinha outro mister, na via-sacra pelas portas. Agora com os dois ilegítimos, pede para a que tem consigo, vinda dum sanatório.

Há anos, quando vim para Ordins, ao saber da tuberculosa, fui visitá-la. A casa era de colmo. Nem forro, nem soalho. Quando chovia, a água penetrava pelo colmo apodrecido e ensopava as roupas da cama da doente. Vi, por vezes, a roupa a enxugar, para tornar para o leito e voltar a ensopar-se com nova chuva. Tudo se remediou. A doente rapidamente foi sanatorizada. A mãe deixou, entretanto, o pardi-eiro, indo habitar uma casa sua, concluída pela caridade de Pai Américo, na qual gastou este 11.000\$. Rolaram os anos. Voltou a saúde à doente. E ambas

tornaram para Ordins. Desgostosas, venderam a casa por 8.000\$ e compraram aqui um pardi-eiro com seu quintal, pela mesma quantia. Pensei reformá-lo mas exigindo das interessadas toda a cooperação de que fossem capazes. Foram por saibro. Prometeram cal e pregos. Veio a madeira de forro. O pátio estava desnivelado e esburacado. Pedi que o aplanassem. Teriam de trazer bastantes gigos de terra e de pedra. O trabalho era duro. Não me contentei com qualquer coisa. Bem lhes ouvia que não tinham tempo, nem forças bastantes, mas eram razões sem valor, ditadas pela preguiça. As senhoras da conferência apareceram-me a dizer: «olhe que elas endoidecem». E eu tive medo. A mãe noutro tempo foi acometida dum doença mental. E mais lhes disse ser preciso amansar o quintal. Esmolar, não; trabalhar, plantar e semear, sim. Ora, depois de semanas a falar, chorar e cismar, não viram outro remédio as nossas pobres, que cumprir, a bem delas, se queriam a casa forrada. E não enlouqueceram! O pátio, agora, é uma perfeição; o quintal viçoso e florido. Ele centeio, batatas, couves, repolhos, feijões, ervilhas. Uns nadinhas de cada, que a área é pequena. Tudo muito bem. Só não simpatizo com tantas garnizés, e não sei como há-de ser! Já quis fazer negócio mas nada...

O carpinteiro já pôs o forro. Agora parece uma casa. O soalho tão velho precisa de ser substituído. Disse-lhes que sim, mas que arranjassem carro de bois para ir à serração. Ora têm batido às portas dos lavradores e caseiros, mas nada conseguem. Choram. Fazem-lhes bem estas lágrimas e passadas em vão. Ordins precisa também destas Pobres, vítimas da nossa sociedade corrompida, a bater-lhes às portas, pedindo caridade, com as lágrimas nos olhos.

* * *

Os bons vicentinos de Moreira da Maia comunicam «para sossego de V. e consolo de nós todos» o caso de um chefe de família que mudou de hábitos, logo que encontrou trabalho com salário bastante. Consolem-se que o caso apontado há tempos não lhes diz respeito. Era bem de ver, não acham?

Os pedreiros andam atarefados no corte da pedra para a «Casa das Tecedeiras». Entretanto, vão chegando «pedrinhas». Do Porto selos usados. De Viseu 50. Uma conferência de S. Vicente de Paulo apresenta-se com 1.000. O Porto torna com 20. De alguns: «esse pequenino auxílio para a obra e que Deus envie muitos e maiores». Eram 50.

Senhoras Tecedeiras prepararam-se para a próxima Exposição Internacional Têxtil. Nos seus lazers alindam os jardins, cujo concurso está a chegar. Esperam-se surpresas.

Os chales continuam a caminhar para o correio. Para Lisboa 14. Os senhores do chale mensal escrevem: «recebi o mês passado o chale branco e fiquei encantada! Nunca recebi nenhum tão lindo. A franja vinha um pouco mais comprida que o costume e a brancura era imaculada». Para o Porto seguiu uma dezena. «Fiquei radiante com o chalinho.

UMA CARTA

«Esta vez não me atrasei! Aí vai a prestação de Maio com mais 200\$00 do que o costume, que é para arredondar as contas. Este excesso é por intenção de todas as necessidades materiais e espirituais dos meus irmãos que aqui trabalham. Dos vivos e dos mortos, em especial daqueles que perderam a vida em desastres no trabalho. Se o Senhor Padre Carlos pudesse dizer uma missa por essas intenções, seria uma obra de Caridade. São tão necessárias orações e sacrifícios para que a graça de Deus force os corações daqueles que podem e não querem!

Eu compreendo e avalio todo o seu desgosto, toda a sua mágoa, quando um pobre rapaz vagabundo lhe vem bater à porta e tem de lhe fechar porque não há lugar nas suas casas superlotadas!

Também a mim me vêm bater à porta a pedir trabalho — note-se bem: trabalho! — e eu tenho de dizer que não porque não há mais lugar!

Um pobre velho que trabalhou toda a sua vida, primeiro na fábrica, enquanto tinha boa vista, depois em outros trabalhos mais grosseiros, agora ninguém o quer!

É viúvo e não tem filhos que olhem por ele! Que vai ser do pobre velhote?

Quem toma conta dele e lhe dá um trabalho compatível com as suas forças?

Estudam-se reformas e mais reformas, discute-se muito e, entretanto, os homens sofrem dolorosamente, espantosamente... e imerecidamente!

Programas? Padre Américo em tudo o que fez — e tanto foi! — não teve programas, nem orçamentos, nem contas, nem nada!

Era preciso que alguém pagasse a diferença entre o rendimento de um operário novo e forte e o daquele que está alquebrado pela doença ou pelos anos.

Dirão talvez alguns que as empresas podem ter um pouco de caridade. Podem e devem, mas não assim. Podem concorrer com os seus fundos para instituições de caridade, mas não podem transformar-se em asilos ou casas de repouso. Não podem!

O trabalho é muito, tem de fazer-se em curto prazo e isso é condição para a Empresa ou Companhia subsistir!

É fácil fazer leis e ditar normas quando se está num gabinete inacessível, mas as coisas são totalmente diferentes quando se vivem os problemas, quando se apalpa as misérias, quando se sofrem as dores dos que sofrem!

Padre Américo amou, sofreu, viveu com os desamparados; tomou a sua Cruz e com ela seguiu atrás do Redentor, e com Ele redimiu!

Doutra maneira não é possível.

Conforme o lado de que sopra o vento das paixões, assim o pêndulo das sociedades modernas oscila entre um materialismo abjecto e um capitalismo omnipotente e egoísta, sem jamais encontrar a posição de equilíbrio.

Homens sem escrúpulos? Homens ambiciosos? Homens falhados? — ... homens sem Deus!

Perdoe-me Senhor Padre Carlos, esta já longa carta, tão mal alinhavada, tão mal escrita!

É que hoje foi um dia terrível e isto é um desafo.

Peçamos a Nossa Senhora da Espectação que interceda por nós e digamos sempre:

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Não calculei que fosse tão bom e bonito». Antes de receber o de Ordins, comprou um num estabelecimento da especialidade e confessa: «mais pequeno, mais caro e menos vistoso e ainda menos quentinho, por ser mais fino». Como o nosso é melhor enviou mais 20\$, que serão para a Casa das Tecedeiras.

Segue Gondomar, a par de Mira, Moscavide e Montijo. Figueira de Castelo Rodrigo deu-nos água pela barba. Torrão confessa: «têm agradado muito aqui. Sentem-nos muito quentinhos e bons». Coimbra confessa a sua cruz. Ao ouvir falar nos chales de Ordins, começou logo de juntar alguns tostozinhos para também mandar vir um para mim.

De Pombal, vai «uma velhinha

que não tem meios para fazer todo o bem que desejava». O Senhor aceitar-lhe-á a sua boa vontade. Um irmão lembra-se de outro: é o Júlio Mendes que envia um branquinho para o Amadeu, no Luabo. «Ele, depois, pagará. Se não pago eu!» Vá contando com os juros... As Irmãs Torcatas já foram agasalhadas. Coruche e Quintás; Ponta Delgada e Paços de Ferreira; Golegã e Gaio do Rosário seguem em paz e quentinhos. Fecha com Almalaguês.

As senhoras tecedeiras tudo agradecem e dizem que no inverno as coisas ainda vão correndo menos mal, mas as outras estações, porque escasseia o trabalho, também o pão. Eis o seu calvário.

Padre Aires

Uma festa cristã nas cadeias de Paredes e Penafiel

Ir às prisões. Amar os presos. Ser prisioneiro deles por amor do Coração de Jesus foi, digamos, uma primeira fase do noviciado de Pai Américo como Padre louco, como Padre da Rua.

Acompanhá-lo e ouvi-lo pregar nos cárceres ou então a descrever sua experiência de anos como Pai de Encarcerados, não mais esquece. Porquê? Tudo fez, e sempre, por amor do Coração de Jesus, o qual Se deu todo por amor de todos — ricos e pobres, bons e maus, livres e encarcerados. No Coração de Jesus não há distinções. É um Coração aberto a todos os homens. E só por Ele e n'Ele há salvação.

* * *

Como é já tradição, na festa do Coração de Jesus — dia do Amor — cá pelo Norte, Senhor Padre Manuel, eu e Carlitos marcamos presença na Cadeia de Penafiel e Senhor Padre Carlos mai-lo Cândido e Ramada na de Paredes. Antes, demandamos autorização para a pequenina festa aos respectivos delegados do Ministério Público. Um deles toma tão a sério as suas funções que considera um dever assistir.

Não pôde; mas fez-se representar. Pelo calor das palavras — ao telefone — é fácil adivinhar o desgosto por não assistir, pessoalmente.

Oferecemos um almoço familiar às duas comunidades, do qual participamos. Foi uma hora de amor. Uma hora de confraternização cristã. Os presos são nossos irmãos. E porque cairam, devemos ajudá-los a levantar-se. E mal vai a sociedade se os despreza. Mal os cristãos se os desconhecem.

Em Penafiel está um que foi nosso e durante muito tempo. Não importa o nome. Em outras cadeias, outros. Ali, está um. Com mágua o vimos lá. Com mágua conversamos com ele. É nosso. Foi de cá. Não mastigou na capela, o Alimento que oferece o Prisioneiro do Amor, e fez-se prisioneiro do Mal. Porém, nós cremos na sua redenção. Quem sabe, até, se as palavras incisivas de Padre Manuel — e como remate da festa — abrasadas no Amor do Coração de Jesus produzam nele, particularmente, uma sementeira de boas resoluções?

Será, para nós, a maior alegria da Festa do Amor de 1958.

Júlio Mendes

